

AUTOFORMAÇÃO E APRENDIZAGENS INTERGERACIONAIS: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO APRENDENTE POR MEIO DAS INTERAÇÕES SOCIAIS

**SELF-EDUCATION AND INTERGENERATIONAL LEARNING: THE FORMATION
OF THE LEARNING SUBJECT THROUGH SOCIAL INTERACTIONS**

**AUTOFORMACIÓN Y APRENDIZAJE INTERGENERACIONAL: LA
CONSTITUCIÓN DEL SUJETO APRENDIZ A TRAVÉS DE LAS INTERACCIONES
SOCIALES**

**Dário Lima Souza¹, Anna Etelvina Lima da Silva de Araújo², Ivagna Gomes de Souza Santos³,
Maria do Desterro Soares Ibiapina⁴, Maria Goreth Barbosa⁵**

DOI: 10.54899/dcs.v23i93.6611

Recibido: 10/07/2026 | **Aceptado:** 31/07/2026 | **Publicación en línea:** 13/08/2026.

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a mente humana é constituída pelas interações sociais, pode-se inferir que as trocas de experiências entre sujeitos que tiveram acesso a diferentes saberes preenchem espaços formativos imensuráveis na compreensão da aprendizagem. A autoformação decorre do rompimento com a habitualidade de uma educação mínima, passando a desenvolver um percurso de construção de conhecimentos capaz de delinear e fomentar processos geradores de saberes sistematizados. Nesse sentido, por meio da interação em rodas de conversa entre sujeitos de diferentes gerações, compartilhando interesses, experiências e práticas de ensino e aprendizagem, busca-se promover uma reorganização interior, na qual a subjetividade individual se materializa em ações concretas. Assim, o estudo objetiva construir um processo de aprendizagens direcionadas, isto é, autoformativas, que podem ocorrer em encontros e projetos de extensão envolvendo jovens e adultos de diferentes cursos e formações, fortalecendo as trocas de saberes. Para isso, propõe-se um percurso formativo composto pelas fases de aceitação, orientação, diagnóstico pessoal, elaboração de objetivos claros e estabelecimento de metas formativas de curto e médio prazo. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e pesquisa de campo desenvolvida com uma turma intergeracional, composta por jovens e adultos. Considera-se que as diferentes maneiras e técnicas de apropriação do saber contribuem para a constituição de um sujeito aprendente, capaz de impulsionar a mente humana em suas

¹ Mestre em Educação, Direito, Contabilidade e Administração Pública pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: khamenney@gmail.com

² Especialista em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: etelvinaa.araujo@gmail.com

³ Especialista em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis, Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: ivagna.sousa@professor.to.gov.br

⁴ Especialista em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: desterro123ibiapina@gmail.com

⁵ Especialista em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: mariagorethbarbosa1812@gmail.com

múltiplas dimensões, por meio da disposição pessoal para apropriar-se dos conhecimentos historicamente construídos e socialmente disponíveis.

Palavras-chave: Autoformação. Aprendizagem Intergeracional. Interações Sociais. Formação Humana. Sujeito Aprendiz.

ABSTRACT

Based on the assumption that the human mind is shaped by social interactions, it can be inferred that the exchange of experiences among individuals who have had access to different forms of knowledge fills immeasurable gaps in our understanding of learning. Self-directed learning arises from breaking away from the routine of a minimal education, leading to the development of a path of knowledge construction capable of shaping and fostering processes that generate systematized knowledge. In this sense, through interaction in discussion circles among individuals from different generations—who share interests, experiences, and teaching and learning practices—the aim is to promote an inner reorganization in which individual subjectivity is manifested in concrete actions. Thus, the study aims to construct a process of directed—that is, self-directed—learning that can take place in meetings and extension projects involving youth and adults from different academic backgrounds and fields of study, thereby strengthening the exchange of knowledge. To this end, a training pathway is proposed, consisting of the phases of acceptance, orientation, personal assessment, the formulation of clear objectives, and the establishment of short- and medium-term learning goals. Methodologically, the research is characterized by a qualitative approach, grounded in a literature review and field research conducted with an intergenerational group composed of young people and adults. It is considered that the different ways and techniques of acquiring knowledge contribute to the formation of a learner capable of stimulating the human mind in its multiple dimensions, through a personal willingness to appropriate historically constructed and socially available knowledge.

Keywords: Self-Directed Learning. Intergenerational Learning. Social Interactions. Human Development. Learner.

RESUMEN

Partiendo de la premisa de que la mente humana se constituye a partir de las interacciones sociales, se puede deducir que el intercambio de experiencias entre sujetos que han tenido acceso a diferentes tipos de conocimiento ocupa un espacio formativo inconmensurable en la comprensión del aprendizaje. La autoformación surge de la ruptura con la rutina de una educación mínima, pasando a desarrollar un itinerario de construcción de conocimientos capaz de delinear y fomentar procesos generadores de saberes sistematizados. En este sentido, a través de la interacción en círculos de conversación entre personas de diferentes generaciones, en los que se comparten intereses, experiencias y prácticas de enseñanza y aprendizaje, se busca promover una reorganización interior, en la que la subjetividad individual se materializa en acciones concretas. Así, el estudio tiene como objetivo construir un proceso de aprendizaje orientado, es decir, autoformativo, que pueda tener lugar en encuentros y proyectos de extensión en los que participen jóvenes y adultos de diferentes cursos y formaciones, fortaleciendo así el intercambio de conocimientos. Para ello, se propone un itinerario formativo compuesto por las fases de aceptación, orientación, diagnóstico personal, elaboración de objetivos claros y establecimiento de metas formativas a corto y medio plazo. Desde el punto de vista metodológico, la investigación

se caracteriza por un enfoque cualitativo, basado en una revisión bibliográfica y una investigación de campo desarrollada con un grupo intergeneracional, compuesto por jóvenes y adultos. Se considera que las diferentes formas y técnicas de apropiación del conocimiento contribuyen a la constitución de un sujeto de aprendizaje, capaz de impulsar la mente humana en sus múltiples dimensiones, a través de la disposición personal para apropiarse de los conocimientos construidos históricamente y disponibles socialmente.

Palabras clave: Autoformación. Aprendizaje Intergeneracional. Interacciones Sociales. Formación Humana. Sujeto de Aprendizaje.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

"A educação tem caráter permanente.
Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando."
Paulo Freire

INTRODUÇÃO

A aprendizagem humana constitui-se em um processo complexo, dinâmico e profundamente marcado pelas relações sociais. A formação do indivíduo não ocorre de maneira isolada, mas resulta das interações estabelecidas com outros sujeitos, das experiências compartilhadas e dos conhecimentos historicamente produzidos. Nesse contexto, as relações humanas tornam-se elementos fundamentais para a constituição da mente e para o desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas e sociais.

As transformações sociais e tecnológicas das últimas décadas têm exigido dos sujeitos uma postura cada vez mais ativa diante do conhecimento. Entretanto, ainda persistem modelos formativos limitados a uma educação mínima, caracterizada pela reprodução de conteúdos e pela ausência de processos contínuos de desenvolvimento intelectual e humano. Em contraposição a essa lógica, emerge a autoformação como um movimento permanente de construção de saberes, no qual o indivíduo assume papel protagonista em seu processo de aprendizagem.

A autoformação compreende a disposição pessoal para aprender, refletir e atribuir significado às experiências vividas. Trata-se de um processo que se alimenta das interações sociais e se fortalece por meio da convivência entre sujeitos que possuem trajetórias, conhecimentos e experiências distintas. Nesse sentido, os encontros intergeracionais representam espaços privilegiados de troca, diálogo e produção coletiva do conhecimento.

As rodas de conversa que envolvem jovens e adultos de diferentes áreas de formação constituem ambientes capazes de favorecer a circulação de saberes e a constituição de sujeitos aprendentes. A partir do compartilhamento de experiências, os indivíduos são levados a uma reorganização interior que se expressa em ações concretas, possibilitando a construção de novas perspectivas sobre si mesmos e sobre a realidade.

Diante disso, o presente estudo tem por objetivo construir um processo de aprendizagens direcionadas, isto é, autoformativas, por meio das interações entre sujeitos de diferentes gerações, propondo um percurso constituído pelas etapas de aceitação, orientação, diagnóstico pessoal, elaboração de objetivos e estabelecimento de metas formativas de curto e médio prazo. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa,

fundamentada em revisão bibliográfica e pesquisa de campo com grupos intergeracionais, buscando compreender como as trocas de experiências podem contribuir para a constituição do sujeito aprendente e para o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

INTERAÇÕES SOCIAIS E A CONSTITUIÇÃO DA MENTE HUMANA

Compreender a aprendizagem humana implica reconhecer que o desenvolvimento intelectual não se constitui de forma isolada, mas é resultado de processos históricos, culturais e sociais que permeiam a existência dos indivíduos. A mente humana, longe de ser um fenômeno puramente biológico ou individual, desenvolve-se mediante a interação com outros sujeitos, por intermédio da linguagem, das experiências compartilhadas e da apropriação dos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade. Assim, a aprendizagem configura-se como um processo relacional, no qual o sujeito se constitui na e pela convivência social.

A compreensão da natureza social da aprendizagem encontra em Vygotsky (1988) um de seus principais fundamentos teóricos, que argumenta que as funções psicológicas superiores possuem origem social, sendo formadas pelas relações culturais e históricas entre as pessoas. Toda função aparece inicialmente no plano interpessoal, nas relações entre os indivíduos, para posteriormente ser internalizada e passar a constituir o plano intrapessoal. Desse modo, o desenvolvimento cognitivo é resultado da mediação social, sendo a linguagem um instrumento fundamental na construção do pensamento e da consciência.

Nessa perspectiva, o conhecimento não é simplesmente transmitido, mas construído por meio das relações estabelecidas entre os sujeitos. A interação com indivíduos que possuem

diferentes experiências e formas de compreender a realidade favorece a ampliação das estruturas cognitivas e possibilita a produção de novos significados. A aprendizagem, portanto, constitui-se em um movimento contínuo de apropriação cultural, no qual o outro desempenha papel indispensável na constituição do sujeito.

A teoria histórico-cultural desenvolvida por Vygotsky atribui especial relevância à mediação e à zona de desenvolvimento proximal, compreendida como a distância entre aquilo que o indivíduo é capaz de realizar sozinho e aquilo que consegue realizar com o auxílio de outros sujeitos mais experientes. Tal compreensão evidencia que o aprendizado é favorecido pelas relações humanas e pelas experiências compartilhadas, reforçando a importância dos espaços coletivos de convivência como ambientes de desenvolvimento intelectual e humano.

Essa compreensão dialógica da aprendizagem aproxima-se das contribuições de Freire (1996), ao criticar as práticas bancárias de ensino, caracterizadas pela simples transferência de conteúdos, defende uma educação problematizadora, construída por meio da interação entre sujeitos que, simultaneamente, ensinam e aprendem. Sob essa perspectiva, ninguém educa ninguém, tampouco educa a si mesmo sozinho; os homens educam-se em comunhão, mediados pelo mundo.

A pedagogia freireana compreende o diálogo como elemento constitutivo da formação humana. Por meio dele, os sujeitos compartilham experiências, confrontam saberes e produzem novos significados sobre a realidade. Dessa forma, a aprendizagem não se limita ao domínio de conteúdos, mas envolve a formação da consciência crítica e a capacidade de interpretar e transformar o contexto social em que se está inserido. A educação, nesse sentido, assume caráter eminentemente humano e libertador.

Morin (2000), ao discutir os desafios da educação contemporânea, enfatiza a necessidade de superar a fragmentação dos saberes e desenvolver uma compreensão complexa da realidade. Apresenta que a condição humana é marcada pela multidimensionalidade, sendo impossível compreender o indivíduo dissociado das relações sociais, culturais e históricas que o constituem.

O autor destaca que o ser humano é simultaneamente indivíduo, sociedade e espécie, sendo essas dimensões inseparáveis. Dessa forma, a aprendizagem não se limita à aquisição de conhecimentos especializados, mas envolve a formação integral do sujeito, possibilitando o desenvolvimento da compreensão, da solidariedade e da consciência de pertencimento à comunidade humana.

Nessa mesma direção, Charlot (2000) afirma que a relação com o saber constitui elemento central para a compreensão dos processos educativos. Segundo o autor, aprender significa estabelecer relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo. O conhecimento não possui sentido em si mesmo; ele adquire significado na medida em que responde às necessidades, aos desejos e às expectativas dos sujeitos. A aprendizagem é, portanto, uma relação social, cultural e identitária. O sujeito aprende porque atribui sentido ao ato de aprender. Tal processo envolve dimensões cognitivas, afetivas e sociais, evidenciando que o conhecimento é inseparável das experiências e das relações estabelecidas ao longo da vida. Desse modo, a constituição do sujeito aprendente depende não apenas da disponibilidade de informações, mas também da capacidade de atribuir significado aos saberes e de mobilizá-los em diferentes contextos.

Diante dessas perspectivas teóricas, torna-se possível compreender que a mente humana é constituída nas relações sociais e que a aprendizagem emerge das experiências compartilhadas entre sujeitos historicamente situados. As interações humanas, mediadas pela linguagem, pela cultura, etc., representam espaços privilegiados para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento das múltiplas dimensões da existência humana. Assim, reconhecer a natureza social da aprendizagem significa compreender que o conhecimento se produz no encontro com o outro e se consolida na capacidade de transformar experiências em instrumentos de crescimento pessoal, intelectual e social.

APRENDIZAGENS INTERGERACIONAIS E A PRODUÇÃO COLETIVA DE SABERES

As transformações sociais contemporâneas têm evidenciado a necessidade de compreender a aprendizagem para além dos espaços formais de escolarização. Em um cenário marcado pela complexidade das relações humanas e pela diversidade de experiências, a construção do conhecimento assume um caráter essencialmente coletivo, fundamentado na interação entre sujeitos portadores de diferentes histórias, culturas e modos de interpretar a realidade. Nesse contexto, as aprendizagens intergeracionais emergem como importantes mecanismos de produção, circulação e ressignificação dos saberes, favorecendo a constituição de sujeitos aprendentes e o fortalecimento dos processos autoformativos.

A ideia dessas aprendizagens fundamenta-se no reconhecimento de que indivíduos pertencentes a diferentes gerações possuem conhecimentos, valores e experiências capazes de

enriquecer mutuamente seus processos de desenvolvimento. Distanciando-se de uma concepção hierárquica e unilateral da transmissão do conhecimento, essa perspectiva compreende o aprendizado como um movimento recíproco, no qual todos os participantes assumem, simultaneamente, as posições de aprendentes e de mediadores do saber.

Segundo Mannheim (1993), as gerações constituem categorias sociais historicamente situadas, cujas experiências são produzidas em determinados contextos culturais e temporais. Dessa forma, os sujeitos pertencentes a diferentes gerações desenvolvem modos particulares de compreender a realidade. Entretanto, longe de representar um obstáculo, essa diversidade pode constituir uma fonte privilegiada de aprendizagem, permitindo a ampliação das perspectivas individuais e a construção de novos significados acerca do mundo e da própria existência.

Sob essa perspectiva, as relações intergeracionais representam espaços de encontro entre diferentes formas de conhecimento. Os mais velhos trazem consigo experiências acumuladas ao longo da vida, memórias, valores e saberes construídos em contextos diversos. Os mais jovens, por sua vez, contribuem com novas linguagens, novas formas de interação e diferentes maneiras de perceber as transformações sociais e tecnológicas.

A centralidade dialógica na construção do conhecimento encontra sólido fundamento na obra de Freire (1996), não se trata de uma simples troca de informações, mas de um encontro entre sujeitos que, mediados pelo mundo, compartilham experiências e produzem conhecimentos capazes de transformar a realidade. Nesse sentido, aprender com o outro significa reconhecer a incompletude humana e admitir que todo sujeito possui algo a ensinar e algo a aprender.

Assim, ao favorecer a escuta, a reflexão e o compartilhamento de experiências, esses espaços permitem que os sujeitos atribuam novos significados às próprias vivências e ampliem suas formas de compreender o mundo. Mais do que ambientes de transmissão de conteúdos, as rodas de conversa constituem espaços de encontro humano, nos quais o saber emerge da interação e da construção compartilhada de sentidos.

A valorização das experiências individuais também é enfatizada por Josso (2004), para quem a formação humana está profundamente vinculada às trajetórias de vida. As experiências acumuladas pelos sujeitos constituem fontes de saberes que, quando compartilhadas, possibilitam processos de aprendizagem significativos. Dessa forma, o encontro entre gerações representa uma oportunidade de enriquecimento recíproco, permitindo que histórias de vida distintas se transformem em instrumentos de formação.

A produção coletiva do conhecimento também pode ser compreendida a partir do conceito de comunidades de prática desenvolvido por Wenger (1998). Segundo o autor, a aprendizagem ocorre por meio da participação dos sujeitos em comunidades constituídas por interesses comuns, nas quais o conhecimento é produzido socialmente. O pertencimento a essas comunidades possibilita o compartilhamento de experiências, a construção de identidades e a consolidação de práticas coletivas de aprendizagem.

Nesse sentido, projetos de extensão, grupos de estudos e rodas de conversa configuram-se como comunidades de prática capazes de favorecer o desenvolvimento de processos autoformativos. Ao reunir sujeitos provenientes de diferentes cursos, áreas do conhecimento e faixas etárias, esses espaços ampliam as possibilidades de interação e fortalecem a produção coletiva dos saberes.

As experiências extensionistas, em particular, apresentam-se como importantes ambientes de articulação entre a universidade e a sociedade. Ao promover o encontro entre diferentes sujeitos e contextos, os projetos de extensão possibilitam a circulação de conhecimentos acadêmicos e populares, favorecendo uma formação mais humana, democrática e contextualizada. Nesses espaços, a aprendizagem deixa de ser compreendida como privilégio de especialistas e passa a ser reconhecida como resultado das relações estabelecidas entre indivíduos que compartilham experiências e interesses comuns.

Essa compreensão aproxima-se da concepção da participação e da construção coletiva do conhecimento. O compartilhamento de experiências entre jovens e adultos possibilita a superação de visões fragmentadas da aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, da consciência crítica e da disposição permanente para aprender.

Assim, as aprendizagens intergeracionais revelam-se importantes instrumentos de fortalecimento da autoformação, uma vez que possibilitam aos sujeitos reinterpretarem suas experiências, ampliarem suas referências culturais e desenvolverem novas formas de relação com o saber. A interação entre diferentes gerações não apenas favorece a circulação de conhecimentos, mas contribui para a constituição de uma comunidade de aprendentes, na qual o crescimento individual se realiza por meio da construção coletiva.

Dessa forma, a produção de saberes deixa de ser compreendida como um processo individual e passa a ser reconhecida como uma prática social, construída no encontro entre sujeitos historicamente situados. É nesse movimento de compartilhamento que se fortalece a

constituição do sujeito aprendente, capaz de transformar experiências em conhecimento e fazer da aprendizagem uma prática permanente de desenvolvimento humano.

PERCURSO AUTOFORMATIVO

A compreensão da aprendizagem como um processo contínuo, dinâmico e socialmente construído conduz à necessidade de reconhecer o sujeito como protagonista de sua própria formação. A constituição do sujeito aprendente não ocorre de maneira espontânea, tampouco se restringe aos limites da educação formal. Trata-se de um movimento permanente de construção de si, alimentado pelas experiências vividas, pelas relações estabelecidas com os outros e pela disposição consciente para aprender ao longo da vida. Nesse sentido, a autoformação representa um processo de reorganização interior que se materializa em ações e práticas capazes de promover o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

A noção de sujeito aprendente ultrapassa a condição de mero receptor de informações. O aprendente é aquele que desenvolve uma relação ativa com o saber, atribuindo significado às experiências e mobilizando conhecimentos em função de seus projetos pessoais, profissionais e existenciais. A aprendizagem não se reduz à aquisição de conteúdos, mas constitui um processo identitário por meio do qual o indivíduo constrói sentidos para sua existência e para sua inserção na sociedade.

Sob essa perspectiva, a formação humana caracteriza-se por sua incompletude. O sujeito encontra-se em permanente processo de construção, sendo continuamente influenciado pelas experiências, pelos contextos sociais e pelas relações que estabelece ao longo da vida. Edgar Morin (2000) ressalta que a condição humana é marcada pela complexidade e pela inacababilidade, exigindo uma educação capaz de favorecer a compreensão do ser humano em sua multidimensionalidade. Aprender, portanto, é um processo que acompanha toda a existência e que se realiza por meio da capacidade de transformar experiências em conhecimento e conhecimento em ação.

A autoformação, entendida como movimento consciente de construção do próprio percurso formativo, exige mais do que a simples acumulação de informações. Ela requer reflexão, intencionalidade e disposição para desenvolver novas competências, atitudes e formas de compreender a realidade. Nessa perspectiva, propõe-se um percurso autoformativo estruturado em cinco fases complementares e interdependentes: aceitação, orientação,

diagnóstico pessoal, elaboração de objetivos e estabelecimento de metas formativas de curto e médio prazo. Tais etapas não se configuram como uma sequência rígida e linear, mas como um processo contínuo e cíclico de desenvolvimento humano.

Aceitação: O Reconhecimento da Incompletude Humana

O primeiro movimento da autoformação consiste na aceitação da própria condição de ser inacabado. Reconhecer que ninguém está plenamente formado representa o ponto de partida para o desenvolvimento de uma postura aberta à aprendizagem. Paulo Freire (1996) compreende a consciência da inconclusão humana como elemento fundamental da educação. O ser humano aprende porque é inacabado, e justamente por reconhecer essa condição torna-se capaz de buscar novos conhecimentos e ampliar sua compreensão da realidade.

A aceitação implica abandonar a falsa ideia de autossuficiência intelectual e admitir que o aprendizado depende do encontro com o outro, da escuta e da disposição para revisitar crenças, valores e práticas. Trata-se de um exercício de humildade epistemológica que possibilita ao sujeito abrir-se para novas experiências e reconhecer que a aprendizagem é uma tarefa permanente.

Orientação: A Descoberta dos Interesses e das Possibilidades Formativas

Uma vez reconhecida a necessidade permanente de aprender, torna-se necessário direcionar os esforços formativos. A orientação corresponde ao momento em que o sujeito identifica suas áreas de interesse, suas necessidades de desenvolvimento e as possibilidades disponíveis para sua formação.

Segundo Nóvoa (1992), a formação não pode ser reduzida a programas previamente estabelecidos, pois envolve a construção de trajetórias pessoais e profissionais que possuem significados distintos para cada indivíduo. Dessa forma, orientar-se significa desenvolver uma consciência acerca das próprias aspirações e reconhecer os caminhos capazes de favorecer o crescimento intelectual e humano.

Esse processo envolve tanto a influência das experiências acumuladas quanto a interação com outros sujeitos, especialmente em contextos coletivos de aprendizagem. As rodas de

conversa, os grupos de estudo e os projetos de extensão representam espaços privilegiados para ampliar horizontes e fortalecer o desejo de aprender.

Diagnóstico Pessoal: o Exercício da Reflexão sobre Si

A terceira etapa do percurso autoformativo consiste na realização de um diagnóstico pessoal, entendido como um exercício de autoconhecimento e reflexão crítica sobre a própria trajetória. Essa fase permite ao sujeito identificar conhecimentos já adquiridos, potencialidades, limitações e necessidades formativas.

Marie-Christine Josso (2004) enfatiza que as experiências de vida constituem importantes fontes de aprendizagem. Refletir sobre a própria trajetória possibilita compreender os processos que contribuíram para a constituição da identidade e identificar novos sentidos para a formação. Nesse contexto, o diagnóstico pessoal não se limita à identificação de fragilidades, mas envolve também o reconhecimento das competências, dos conhecimentos e das experiências acumuladas ao longo da vida. Ao desenvolver esse exercício reflexivo, o sujeito fortalece sua autonomia e amplia sua capacidade de tomar decisões conscientes sobre seu próprio desenvolvimento.

Elaboração de Objetivos: A Intencionalidade da Aprendizagem

A aprendizagem significativa exige intencionalidade. A definição de objetivos representa a etapa em que o sujeito transforma desejos e expectativas em propósitos concretos de desenvolvimento. A clareza dos objetivos favorece a organização das experiências e possibilita maior direcionamento das ações formativas.

A elaboração de objetivos pressupõe a compreensão de que a formação humana não ocorre ao acaso. Ela exige planejamento, comprometimento e disposição para transformar aspirações em projetos de vida. Sob essa perspectiva, aprender deixa de ser uma atividade ocasional e passa a constituir uma prática intencional, orientada por valores, interesses e propósitos existenciais.

Os objetivos podem estar relacionados ao desenvolvimento intelectual, profissional, espiritual, cultural ou social, desde que contribuam para a ampliação das capacidades humanas e para a construção de uma relação mais significativa com o saber.

Metas de Curto e Médio Prazo: A Materialização da Aprendizagem em Ações

A última etapa do percurso autoformativo consiste no estabelecimento de metas concretas capazes de transformar os objetivos em práticas efetivas. Representam a operacionalização da aprendizagem e permitem que o processo formativo se materialize em ações observáveis.

Essa fase exige disciplina, organização e acompanhamento contínuo. A aprendizagem permanente depende não apenas da intenção de aprender, mas da capacidade de converter conhecimentos em experiências concretas. Nesse sentido, as metas formativas possibilitam ao sujeito avaliar seu progresso, reorganizar estratégias e fortalecer sua disposição para aprender continuamente.

As metas de curto prazo favorecem conquistas imediatas e mantém o engajamento do sujeito no processo formativo. As metas de médio prazo, por sua vez, contribuem para a consolidação de projetos mais amplos e para a construção gradual de novas competências e saberes.

As cinco etapas propostas não constituem um modelo fechado, mas um movimento contínuo de construção de si. A aceitação conduz à orientação; a orientação favorece o diagnóstico pessoal; o diagnóstico possibilita a definição de objetivos; e os objetivos se materializam em metas formativas. Entretanto, esse processo é permanentemente revisitado à medida que novas experiências são incorporadas à trajetória do sujeito.

Assim, a constituição do sujeito aprendente ocorre por meio da interação entre reflexão, experiência e ação. É um movimento de reorganização interior que se exterioriza em práticas concretas de aprendizagem, permitindo ao indivíduo desenvolver autonomia, consciência crítica e capacidade permanente de apropriação dos saberes socialmente disponíveis.

Assim, a autoformação não representa um ponto de chegada, mas um caminho permanente de humanização. O sujeito aprendente é aquele que compreende a aprendizagem como uma dimensão constitutiva da existência e que faz da busca pelo conhecimento uma prática contínua de desenvolvimento pessoal, intelectual e social.

O SUJEITO APRENDENTE

A compreensão da aprendizagem como um processo contínuo e inerente à existência humana conduz à necessidade de reconhecer o sujeito não apenas como receptor de

conhecimentos, mas como protagonista de sua própria formação. Em uma sociedade caracterizada pela constante produção e circulação de saberes, a capacidade de aprender permanentemente torna-se uma das principais condições para o desenvolvimento humano, intelectual e social. É nesse contexto que emerge a figura do sujeito aprendente, entendido como aquele que desenvolve uma relação ativa, significativa e permanente com o conhecimento.

A noção de sujeito aprendente rompe com as concepções tradicionais que compreendem a aprendizagem como um processo restrito aos espaços formais de ensino. Diferentemente da ideia do aluno como mero destinatário de conteúdos, o sujeito aprendente caracteriza-se pela capacidade de atribuir sentido às experiências, mobilizar conhecimentos e transformar vivências em oportunidades de crescimento. Trata-se de uma postura existencial fundamentada na curiosidade, na reflexão e na disposição permanente para aprender.

A relação com o saber não se limita à aquisição de informações, mas envolve a construção de sentidos e a constituição da identidade. O conhecimento somente adquire significado quando se conecta aos desejos, às necessidades e aos projetos de vida do sujeito. Dessa forma, aprender é, simultaneamente, um processo cognitivo, afetivo, cultural e social.

Sob essa perspectiva, a aprendizagem constitui uma dimensão essencial da condição humana. O ser humano é um ser inacabado e, justamente por assim reconhecer, mantém-se aberto ao conhecimento e à transformação. Aprender, portanto, não representa um evento ocasional, mas uma característica constitutiva da existência humana.

A condição aprendente está diretamente relacionada à curiosidade epistemológica, que constitui-se elemento fundamental da produção do conhecimento, pois é ela que impulsiona o sujeito a investigar, questionar e compreender a realidade. O sujeito aprendente não se acomoda diante das informações disponíveis, mas desenvolve uma postura investigativa e reflexiva, capaz de transformar a experiência em conhecimento e o conhecimento em ação.

Essa compreensão encontra ressonância no pensamento de Edgar Morin (2000), ao defender que a educação deve favorecer a formação de sujeitos capazes de enfrentar a complexidade do mundo contemporâneo. Para o autor, a condição humana é multidimensional, sendo impossível dissociar indivíduo, sociedade e cultura. O sujeito aprendente emerge da capacidade de articular saberes, compreender as incertezas e desenvolver uma visão integrada da realidade. Aprender significa, portanto, construir uma inteligência capaz de estabelecer conexões, interpretar contextos e produzir novos sentidos.

Ao abordar os processos formativos, Antônio Nóvoa (1992) destaca que a formação humana não se reduz à participação em cursos ou programas institucionalizados. Formar-se implica um trabalho permanente de reflexão sobre as experiências vividas, sobre as práticas desenvolvidas e sobre os conhecimentos construídos ao longo da trajetória pessoal e profissional. O sujeito aprendente caracteriza-se justamente por essa disposição para transformar a própria existência em espaço de formação contínua.

As contribuições de Marie-Christine Josso (2004) reforçam essa perspectiva ao evidenciar que as experiências de vida constituem importantes fontes de aprendizagem. As histórias pessoais, os encontros, os desafios e os acontecimentos cotidianos configuram-se como elementos formadores, capazes de produzir conhecimentos e transformar identidades. Assim, o sujeito aprendente é aquele que reconhece nas próprias experiências oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

Da mesma forma, Gaston Pineau (2010) compreende a formação humana como um processo que envolve múltiplas influências e diferentes temporalidades. Para o autor, a autoformação representa a capacidade do sujeito de assumir responsabilidade por sua trajetória, desenvolvendo uma relação consciente com seu próprio processo formativo. Nesse sentido, o sujeito aprendente não é produto exclusivo das instituições educativas, mas resultado de uma construção contínua que integra experiências, relações sociais e reflexões pessoais.

A constituição do sujeito aprendente também se fortalece nas relações estabelecidas com outras pessoas. As aprendizagens intergeracionais e os espaços coletivos de convivência favorecem a circulação dos saberes e ampliam as possibilidades de desenvolvimento humano. Aprender com o outro significa reconhecer que nenhum conhecimento é produzido isoladamente e que a formação humana é essencialmente relacional.

Assim, o sujeito aprendente caracteriza-se pela disposição permanente para aprender, pela abertura à interação social, pela curiosidade intelectual e pela capacidade de atribuir significado às experiências. Mais do que uma condição ligada à escolarização formal, trata-se de uma postura diante da vida, na qual o conhecimento é compreendido como construção contínua e a formação como processo inacabado.

Em uma realidade marcada pela velocidade das transformações sociais e pela complexidade dos saberes, a constituição do sujeito aprendente torna-se um imperativo para a formação humana contemporânea. Aprender continuamente deixa de ser uma exigência circunstancial para assumir a condição de princípio organizador da existência, possibilitando ao

indivíduo desenvolver autonomia, consciência crítica e capacidade permanente de reconstrução de si e do mundo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, por compreender que os processos de aprendizagem, autoformação e constituição do sujeito aprendente envolvem dimensões subjetivas, relacionais e socioculturais que não podem ser reduzidas a dados quantitativos ou a explicações lineares. A abordagem qualitativa possibilita compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e às relações estabelecidas nos diferentes contextos de aprendizagem, favorecendo uma análise mais profunda dos fenômenos investigados.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, das crenças, dos valores e das relações humanas, permitindo compreender os processos sociais em sua complexidade. Sob essa perspectiva, o presente estudo busca compreender de que maneira as interações entre jovens e adultos de diferentes gerações podem favorecer processos autoformativos e contribuir para a constituição do sujeito aprendente.

Quanto aos objetivos, a pesquisa apresenta caráter exploratório e descritivo. Conforme Gil (2008), os estudos exploratórios possibilitam maior aproximação com o objeto investigado, favorecendo a construção de conhecimentos sobre fenômenos ainda pouco sistematizados. Por sua vez, a dimensão descritiva permite identificar características, relações e significados presentes nas experiências vivenciadas pelos participantes.

No que se refere aos procedimentos técnicos, o estudo fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica constitui-se como etapa essencial para a construção do referencial teórico, permitindo dialogar com autores que discutem aprendizagem, interações sociais, autoformação, experiências formadoras e constituição do sujeito aprendente. Nesse sentido, foram utilizados trabalhos de Vygotsky (1998), Freire (1996), Morin (2000), Charlot (2000), Nóvoa (1992), Josso (2004), Pineau (2010), Wenger (1998), entre outros estudiosos que contribuem para a compreensão dos fenômenos investigados.

A pesquisa de campo foi desenvolvida junto a um grupo composto, por jovens e adultos pertencentes a diferentes faixas etárias e áreas de formação, favorecendo a constituição de um ambiente intergeracional. A escolha desse público justifica-se pela possibilidade de promover o

encontro entre experiências diversas, ampliando as oportunidades de compartilhamento de saberes e fortalecendo processos de aprendizagem coletiva.

Como estratégia metodológica, foi proposto a realização de encontros formativos organizados em formato de rodas de conversa, compreendidas como espaços de construção coletiva do conhecimento. As rodas de conversa possibilitaram a valorização das experiências individuais e favoreceram a emergência de narrativas capazes de revelar sentidos, percepções e processos de aprendizagem construídos pelos participantes.

A proposta formativa tem o intuito de orientar um percurso autoformativo constituído por cinco etapas interdependentes: aceitação, orientação, diagnóstico pessoal, elaboração de objetivos e estabelecimento de metas formativas de curto e médio prazo. Essas etapas não são compreendidas como momentos rígidos ou sequenciais, mas como movimentos contínuos de reflexão, reorganização e desenvolvimento pessoal.

A produção dos dados parte por meio da observação dos participantes, dos registros produzidos pelos durante os encontros, dos relatos escritos e das narrativas compartilhadas nas rodas de conversa. A observação, conforme Lakatos e Marconi (2003), possibilita ao pesquisador aproximar-se da realidade investigada, favorecendo a compreensão das interações estabelecidas entre os sujeitos e dos significados atribuídos às experiências vividas.

Para a interpretação dos dados, é utilizada a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), por possibilitar a identificação de categorias temáticas emergentes a partir dos discursos, narrativas e registros produzidos pelos participantes. Tal procedimento permite compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos aos processos autoformativos e às aprendizagens construídas nas interações intergeracionais.

Considerando a natureza da pesquisa e a valorização das experiências humanas como objeto de investigação, busca-se compreender a aprendizagem como um processo social e contínuo, reconhecendo que a constituição do sujeito aprendente ocorre no encontro entre diferentes trajetórias, experiências e saberes. Dessa forma, a metodologia adotada pretende não apenas descrever os fenômenos observados, mas também favorecer a construção de espaços formativos capazes de impulsionar o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

CONSIDERAÇÕES

Partindo da compreensão de que a mente humana é constituída nas interações sociais, este estudo possibilita evidenciar que a aprendizagem ultrapassa os limites da transmissão de conteúdos e se configura como um processo contínuo de construção e reconstrução dos saberes. As trocas de experiências entre sujeitos pertencentes a diferentes contextos, trajetórias e gerações revelam-se espaços formativos capazes de ampliar a compreensão da realidade e favorecer o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

Ao longo da discussão, constatou-se que a aprendizagem não se limita aos espaços formais de ensino, mas se alimenta das relações estabelecidas entre os sujeitos, da partilha de experiências e da disposição pessoal para atribuir significado aos conhecimentos produzidos socialmente. Nesse sentido, a autoformação apresenta-se como um movimento permanente de superação da educação mínima, caracterizado pela busca intencional de conhecimentos e pela construção de processos capazes de produzir saberes sistematizados.

As aprendizagens intergeracionais, desenvolvidas por meio do diálogo, das rodas de conversa e da convivência entre jovens e adultos com diferentes experiências e formações, evidenciam que o conhecimento se fortalece no encontro com o outro. O compartilhamento de vivências, interesses e práticas de ensino e aprendizagem favorece uma reorganização interior que, partindo da subjetividade do indivíduo, materializa-se em ações e práticas capazes de impulsionar o crescimento intelectual, social e humano.

Nesse contexto, a proposta de um percurso autoformativo estruturado nas etapas de aceitação, orientação, diagnóstico pessoal, elaboração de objetivos e estabelecimento de metas formativas de curto e médio prazo constitui uma possibilidade de fortalecimento da autonomia e da aprendizagem permanente. Mais do que uma sequência metodológica rígida, esse percurso representa um movimento contínuo de reflexão e construção de si, orientado pela disposição do sujeito em apropriar-se dos saberes historicamente produzidos e socialmente disponíveis.

A discussão desenvolvida ao longo deste trabalho também permitiu compreender que a constituição do sujeito aprendente não é resultado de um processo acabado, mas de uma condição existencial marcada pela abertura ao conhecimento, pela capacidade de aprender com as experiências e pela disposição permanente para transformar informações em saberes significativos. O sujeito aprendente constitui-se na relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo, fazendo da aprendizagem um elemento constitutivo de sua própria existência.

Assim, a autoformação e as aprendizagens intergeracionais apresentam-se como caminhos capazes de fortalecer processos educativos mais humanos, dialógicos e significativos, reafirmando a importância das relações sociais na constituição da mente e no desenvolvimento da aprendizagem. Em uma realidade marcada pela complexidade e pelas constantes transformações do conhecimento, aprender continuamente deixa de ser apenas uma exigência circunstancial e passa a representar uma dimensão essencial da formação humana.

Por fim, este estudo não pretende esgotar as discussões sobre autoformação, aprendizagens intergeracionais e constituição do sujeito aprendente, mas oferecer uma contribuição teórica para a compreensão da aprendizagem como processo permanente e socialmente construído. Espera-se que a proposta aqui apresentada possa estimular novas investigações e favorecer a construção de práticas educativas que valorizem trocas, a experiência e a disposição contínua para aprender, reconhecendo que a formação humana se realiza, sobretudo, no encontro entre sujeitos e na permanente apropriação dos saberes disponíveis.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MANNHEIM, Karl. **Sociologia do conhecimento**. Porto: Rés Editora, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**: rumo a novos sincronizadores. São Paulo: Triom, 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice**: Learning, Meaning, and Identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.